

PROTAGONISMO TRANS NOS QUADRINHOS BRASILEIROS: VOZES DE RESISTÊNCIA E (RE)EXISTÊNCIA (2014-2024)

Petra Araújo de Oliveira ¹

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a produção de narrativas por pessoas trans e travestis tem desempenhado papel fundamental na reformulação das representações culturais, ampliando a diversidade de vozes que compõem o panorama dos quadrinhos brasileiros. Essas narrativas de resistência, identidade e autoafirmação contribuem para a desconstrução de estereótipos tradicionais e promovem uma cultura mais inclusiva e plural. O protagonismo dessas criadoras é uma estratégia que eleva o papel da autonomia e resistência na cultura popular, reforçando a importância de vozes marginalizadas na construção de representações mais autênticas e diversificadas. Tal movimento, ao desafiar as normativas cisheteronormativas (NASCIMENTO, 2021; VERGUEIRO, 2023), eleva a visibilidade de sujeitos que historicamente foram invisibilizados, consolidando o papel das narrativas visuais como instrumentos de afirmação e transformação social. Nesse contexto, as transformações sociais ocorridas ao longo das últimas décadas refletem um maior protagonismo dessas vozes, sinalizando avanços na luta por direitos e na promoção de uma sociedade mais plural.

A justificativa deste estudo reside na observação de uma lacuna na historiografia sobre o protagonismo de mulheres trans e travestis nas histórias em quadrinhos brasileiras, uma temática ainda pouco explorada e reconhecida na produção acadêmica. Essa invisibilização está diretamente relacionada à cisgeneridade como normatividade, que naturaliza e idealiza corpos e identidades de gênero em fantasias ciscoloniais, apresentando-os como pré-discursivos, binários e permanentes (VERGUEIRO, 2023). Como aponta Samanta Coan em *O transfeminismo nos quadrinhos autobiográficos* (2018), há uma carência de estudos que valorizem essas narrativas, tradicionalmente invisibilizadas ou marginalizadas. No texto, Coan afirma: “Ainda são poucas referências dessa produção. No portal da Capes foram encontrados dois artigos, sendo um com enfoque educacional [...] e outro como análise da arte *queer*” (COAN, 2018, p. 64). Ampliar a visibilidade e o reconhecimento dessas vozes é fundamental para fortalecer a autonomia das criadoras e ampliar o entendimento sobre suas contribuições à cultura popular, contribuindo para a luta por representatividade e combate aos estigmas associados às identidades trans. Essas narrativas não apenas desafiam normas sociais, mas

¹ Mestranda do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, petra.oliveira@ichca.ufal.br;

também impulsionam mudanças nos discursos culturais, como evidenciam Cintia Lima Crescêncio et al. em *Internet, quadrinhos e feminismos* (2024), ao destacarem a circulação digital como fator de amplificação da visibilidade dessas obras.

Quanto aos objetivos, a pesquisa busca analisar profundamente as obras e trajetórias de criadoras trans e travestis, investigando como seus processos de afirmação pessoal se refletem nas narrativas que constroem. É essencial compreender temas relacionados à resistência, identidade e (re)existência, que emergem como formas de enfrentamento aos estereótipos e às normatividades cisheteronormativas. Além disso, pretende-se refletir sobre as implicações culturais e sociais do protagonismo trans na produção de quadrinhos, adotando uma abordagem interseccional que considere fatores como raça, classe social e origem, segundo a ótica de autores como Kimberlé Crenshaw. Essa perspectiva possibilita uma análise crítica e complexa do impacto dessas narrativas, reconhecendo as pluralidades e sobreposições de opressões e resistências que marcam as experiências dessas criadoras. Pois, como afirma Crenshaw (1989, p. 140), “a experiência da interseccionalidade é maior que a soma do racismo e do sexismo”, evidenciando que as opressões não podem ser analisadas isoladamente, mas em sua articulação.

Na introdução do estudo, destacamos que as narrativas de resistência, identidade e autoafirmação desempenham papel central na desconstrução de estereótipos e na promoção da diversidade sexual e de gênero. São produções visuais elaboradas por sujeitos historicamente marginalizados, que desafiam os padrões cisheteronormativos e reafirmam a autonomia e a resistência como elementos estruturantes da cultura popular. Como aponta Crenshaw, a interseccionalidade é uma ferramenta essencial para compreender como esses discursos se cruzam e se reforçam na luta contra múltiplas opressões. As mudanças sociais das últimas décadas têm permitido o surgimento e a consolidação de protagonistas trans e travestis como figuras de resistência cultural, ampliando o alcance e a relevância dessas vozes no campo dos quadrinhos brasileiros.

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se na análise historiográfica documental de fontes imagéticas e textuais de obras de quadrinhos produzidas por criadoras trans e travestis, publicadas entre 2014 e 2024. A seleção das obras será orientada por critérios de relevância, diversidade temática e impacto na cena cultural nacional, utilizando-se de bancos

de dados digitais, editoras independentes e redes sociais. Essa abordagem visa garantir uma amostra representativa e significativa do atual panorama dessas narrativas, considerando diferentes contextos de produção e trajetórias das autoras, bem como os modos de circulação dessas obras no ambiente digital e impresso.

A análise sistemática terá como foco a interpretação das narrativas visuais e textuais, promovendo o mapeamento das obras e das trajetórias das criadoras, com o intuito de construir uma historiografia trans nos quadrinhos. Para tanto, emprega-se uma abordagem interseccional, alinhada às contribuições de autores como Crenshaw (1989), Ellie Irineu et al. (2021) e Coan (2018), que evidenciam a importância de compreender as múltiplas dimensões sociais e identitárias, raça, classe, origem social, gênero, sexualidade, de forma articulada na análise cultural e política dessas produções. Essa perspectiva permitirá identificar os desafios e estratégias de resistência, autodeterminação e afirmação presentes nas obras, além de compreender as dinâmicas de poder e representação que atravessam essas narrativas.

A organização dos dados ocorrerá por meio de fichamentos visuais e textuais, que sistematizarão as informações de cada obra e criadora, permitindo uma análise aprofundada dos conteúdos abordados. Além disso, serão elaboradas matrizes analíticas que facilitarão a visualização de padrões, desvios e conexões entre as temáticas, as trajetórias das autoras e os contextos sociais de produção. Essa metodologia possibilita uma análise qualitativa que valoriza as especificidades de cada narrativa, ao mesmo tempo em que permite reconhecer tendências e disputas no campo gráfico e discursivo. Como já apontaram Irineu, Smee e Borges, em *Quadrinhos Queer* (2021), esse tipo de sistematização fortalece a compreensão de como as narrativas reforçam a coletividade, o empoderamento e a autonomia.

O foco central da pesquisa será na conexão entre as trajetórias das criadoras, suas obras e os contextos sociais, culturais e políticos, considerando particularmente as dimensões interseccionais. Essa abordagem permite compreender como diferentes identidades, de raça, classe, origem social e gênero, articulam-se na construção e circulação das narrativas, promovendo uma reflexão crítica acerca das implicações culturais e sociais do protagonismo trans. Assim, a análise buscará identificar elementos que evidenciem processos de resistência, empoderamento e transformação social, mapeando as relações de poder visual, discursivo e simbólico presentes nas obras.

A pesquisa também incluirá uma revisão bibliográfica sobre teorias de gênero, estudos de representação, interseccionalidade e cultura popular LGBT+, apoiando-se em referências do transfeminismo como Jaqueline Gomes de Jesus (2014), Letícia Carolina Pereira do

Nascimento (2021), Viviane Vergueiro (2023), e crescimentos recentes nas discussões de feminismos e disputas de gênero na internet, conforme Crescêncio, Ferreira e Gonçalves (2024). Para garantir rigor científico, todas as análises seguirão parâmetros de validade interna e reflexividade, considerando o contexto social e político de cada período de produção.

Por fim, o estudo buscará estabelecer diálogos com pesquisas anteriores, incluindo comparações com produções de outras regiões ou países, ampliando a compreensão do fenômeno dentro de uma perspectiva transnacional. Tal abordagem permitirá evidenciar as especificidades e as semelhanças nas experiências das criadoras trans e travestis na produção de quadrinhos, enriquecendo o entendimento sobre seu protagonismo e as estratégias de resistência cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados evidenciam um crescente protagonismo de criadoras trans e travestis na cena dos quadrinhos brasileiros, sobretudo por meio de obras que representam histórias de resistência, identidade e autoafirmação. Essa produção revela uma ampliação do espaço dessas autoras na cultura nacional, reforçando uma mudança no panorama das narrativas visuais e contribuindo para a desestabilização de estereótipos associados às identidades trans e travestis. As obras analisadas abordam temas centrais, como a crítica à transfobia e à cisheteronorma, além de promoverem a diversidade de corpos, sexualidades e experiências, questionando normas tradicionais de gênero e sexualidade que historicamente marginalizaram vozes trans.

Nesse contexto, as narrativas produzidas por essas autoras funcionam como instrumentos de resistência cultural, ao desafiar imagens patologizantes e estigmatizantes sobre a transgeneridade, especialmente na cultura do consumo e na mídia. As histórias oferecem possibilidades de (re)existência, reafirmando as identidades trans e travestis, promovendo autonomia estética e discursiva às criadoras, fundamentais para ampliar a pluralidade de representações e contribuir para uma mudança social mais ampla.

Ao discutir nossos resultados, observa-se um aumento progressivo do protagonismo de criadoras trans e travestis na cena nacional. Segundo dados analisados, essas autoras abordam temas centrais como a crítica à transfobia e à cismodernidade, além de questionar normas tradicionais de gênero, promovendo uma diversidade de corpos e experiências. A circulação digital tem desempenhado papel estratégico na amplificação de suas obras, aumentando o impacto social e político dessas narrativas, conforme discutido por Crescêncio et al. Essa

dimensão digital, aliada às redes colaborativas e plataformas online, potencializa a visibilidade das produções e amplia a inserção dessas criadoras no mercado cultural, fortalecendo sua autonomia frente às estruturas tradicionais.

Ao longo da última década, observa-se que personagens trans e travestis deixaram de ocupar um papel marginal nas histórias em quadrinhos e passaram a protagonizar narrativas, contribuindo para uma transformação cultural que amplia os limites do que é considerado representativo. Esse movimento dialoga com análises de Elias Veras e Roberta Sodó (2024), que ao investigarem a imprensa alagoana, evidenciam como sujeitos LGBTQIA+ e feministas, mesmo diante de silenciamentos e estigmatizações, construíram lutas por reconhecimento e visibilidade, ampliando o debate para outros campos culturais. Essa mudança reflete uma maior valorização e inclusão dessas vozes no cenário cultural nacional, promovendo, assim, uma reflexão mais ampla sobre gênero, sexualidade e políticas de reconhecimento social. Crenshaw (1989, p. 141), destaca que “a forma como os tribunais interpretam as reivindicações feitas por mulheres negras faz parte da própria experiência dessas mulheres”, mostrando que os modos de interpretação institucional também moldam e limitam as experiências sociais. De forma semelhante, as narrativas trans nos quadrinhos enfrentam leituras normativas que precisam ser tensionadas para que sua especificidade seja reconhecida.

Por fim, o protagonismo trans nos quadrinhos emerge como uma estratégia eficiente de resistência, reafirmação de identidades e afirmação de direitos, atuando como ferramenta de inclusão social. Essas narrativas não só desafiam visões hegemônicas, mas também fomentam a diversidade de corpos e experiências, promovendo uma cultura mais plural, democrática e interseccional, que dialoga diretamente com as complexidades das identidades marginalizadas na sociedade brasileira.

Figura 1 e 2: *Então você quer escrever personagens trans? (2021)* - Por Diana Salu



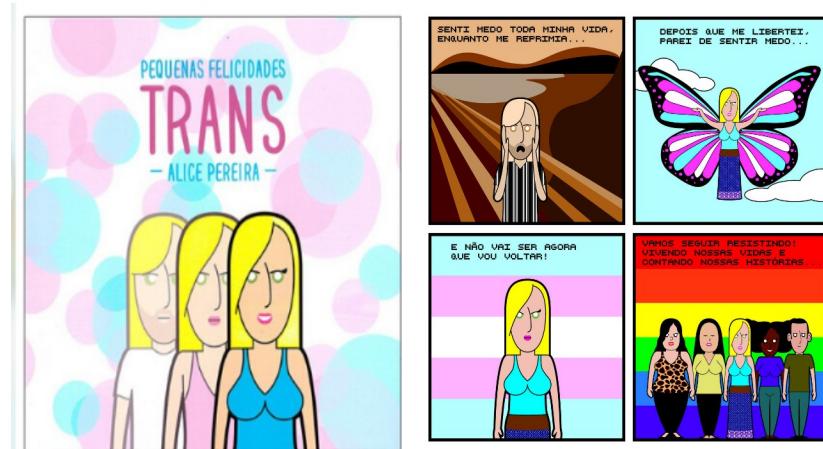
Fonte: Retirado de "Capítulo", por D. Salu, 2021, *Então você quer escrever personagens trans: uma conversa para ficcionistas cis (héteros e lgb's)*, p. 16. Copyright 2021 de Diana Salu.

Essa resistência estratégica e a desestabilização de estereótipos encontram um exemplo fundamental na obra *Então você quer escrever personagens trans: uma conversa para ficcionistas cis* (2021), de Diana Salu (Figura 2). Na página 16, a autora sistematiza o que define como “narrativas hegemônicas sobre pessoas trans”, apresentando um catálogo denso de clichês que historicamente moldaram o imaginário social, incluindo as noções de que essas pessoas “nasceram no corpo errado”, “odeiam o próprio corpo”, são “doentes” ou “irresponsáveis”. Essa exposição visual exaustiva serve para evidenciar como a cultura do consumo e a mídia operam através de imagens patologizantes, funcionando como um testemunho histórico da violência simbólica exercida contra essas identidades.

A análise de Salu aprofunda a crítica ao identificar que parte da “violência colonial cisnORMATIVA” consiste em narrar sujeitos trans apenas através da ótica da marginalidade do gênero, projetando nesses corpos sentimentos de abjeção, repulsa e sexualidade reprimida. Para

fundamentar essa percepção subjetiva em dados concretos, a autora utiliza o quadrinho para citar dados da pesquisa da GLAAD-2019, apontando que personagens trans retratadas como violentas ou psicopatas são o segundo tipo mais comum na televisão norte-americana. Dessa forma, a obra deixa de ser apenas um guia pedagógico e torna-se um dispositivo de resistência cultural e autonomia discursiva. Ao concluir a página afirmando que as identidades trans são construídas socialmente como “monstruosidades” e desafiar o interlocutor cisgênero com a pergunta “Eu aponto suas narrativas contra você. Tem medo?”, Salu inverte a lógica da marginalidade e retoma o protagonismo ao transformar o quadrinho em um espelho crítico capaz de desestabilizar o olhar hegemônico.

Figura 3 e 4: Pequenas felicidades trans (2019) - Por Alice Pereira.



Fonte: Retirado de "Capítulo", por A. Pereira, 2019, Pequenas Felicidades Trans, n.p. Copyright 2019 de Alice Pereira.

Dando continuidade a esse movimento de reafirmação, a obra *Pequenas Felicidades Trans* (2019), de Alice Pereira, consolida uma narrativa visual que transita da angústia individual para a força da resistência coletiva (Figura 4). Enquanto Salu foca na desconstrução dos discursos externos, Pereira debruça-se sobre a subjetividade da travessia, utilizando referências da história da arte para ilustrar o processo de superação do medo. No primeiro painel da página analisada, a autora faz uma alusão direta à obra *O Grito*, de Edvard Munch, para representar o silenciamento e a repressão vividos: “Senti medo toda minha vida, enquanto me reprimia...”. Essa representação da dor, contudo, é imediatamente sucedida pelo símbolo da metamorfose no segundo painel, onde a protagonista surge com asas de borboleta tingidas com as cores da bandeira trans, azul, rosa e branco, declarando que, após a libertação, o medo deixou de existir.

Essa transição estética reforça a tese de que o protagonismo trans nas HQs opera como um dispositivo de memória capaz de converter o trauma em potência política. A narrativa de Pereira culmina em uma afirmação inegociável de identidade diante da bandeira trans e, finalmente, em um chamado à coletividade. Ao retratar um grupo diverso de pessoas sob as cores do arco-íris e convocar: “Vamos seguir resistindo! Vivendo nossas vidas e contando nossas histórias...”, a autora transforma a “pequena felicidade” de sua própria transição em um manifesto por uma historiografia mais inclusiva e democrática. Assim, as obras de Salu e Pereira, embora utilizem estratégias distintas, uma pela denúncia direta e outra pela poética da travessia, convergem na criação de uma cultura visual dissidente que reivindica o direito das identidades marginalizadas de ocuparem a centralidade de suas próprias histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo ressaltam que o protagonismo trans nos quadrinhos constitui uma estratégia de resistência e afirmação cultural, fundamental para a desconstrução de estereótipos e para o fortalecimento de uma sociedade mais inclusiva. A presença de vozes trans na cultura popular desafia narrativas hegemônicas cisheteronormativas e promove uma crítica às obras de transfobia, contribuindo para a transformação social e o reconhecimento de identidades diversas, alinhando-se às reflexões de Crenshaw (1989) acerca da interseccionalidade. A ampliação da representatividade reflete as mudanças sociais e culturais em curso, evidenciando uma abertura maior para a diversidade de corpos e experiências, e alimentando o debate sobre as conexões entre cultura, política e história, como defendido por autoras transfeministas como Jesus (2014) e Nascimento (2021).

Destaca-se também que essa ampliação da representatividade é uma ferramenta de combate à exclusão e ao preconceito, promovendo o reconhecimento social e a afirmação de identidades marginalizadas. As obras analisadas contribuíram para desmistificar estereótipos ao oferecer narrativas de resistência, que revelam a complexidade das experiências de mulheres, pessoas trans e travestis, promovendo uma leitura mais plural e democrática. Como pontuado por Crescêncio, Ferreira e Gonçalves (2024), o desenvolvimento dessas narrativas nas plataformas digitais amplia o alcance, potencializando o impacto dessas produções na formação de percepções públicas e fomentando ações educativas e políticas que fortalecem a autonomia das criadoras e a educação inclusiva.

Por fim, reafirmamos que o protagonismo trans nos quadrinhos é uma estratégia de resistência e afirmação cultural extremamente relevante. Essas narrativas atuam ao desconstruir estereótipos, promover debates sobre transfobia e cismatividade, além de contribuir para uma sociedade mais inclusiva. O fortalecimento da representatividade reflete as mudanças sociais e culturais em curso e abre possibilidades para novas pesquisas em áreas de cultura, política e história, como destaco no artigo *Narrativas trans e travestis nos quadrinhos brasileiros: uma abordagem interseccional* (2025). As tendências observadas indicam potencial para ampliar ainda mais os estudos sobre interseccionalidade de raça, classe e gênero, fundamentais para compreender a complexidade das experiências vividas por essas narrativas. Assim, o protagonismo trans nos quadrinhos emerge como uma importante ferramenta de resistência social, promovendo a reafirmação de identidades, o combate aos estigmas e contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa, plural e justa. Nesse sentido, é possível dialogar com Vergueiro (2023), que aponta a necessidade de elaborar caminhos decoloniais capazes de promover autodeterminação, autonomia e liberdade às diversidades corporais e de gênero, enfrentando as colonialidades cistêmicas que sustentam as normatividades de gênero. Portanto, é necessário repensar os modelos de análise cultural e historiográfica, pois, como afirma Crenshaw (1989, p. 140), “alcançar uma verdadeira igualdade requer reformular todo o *framework* usado como base para traduzir ‘a experiência das mulheres’ ou ‘a experiência negra’”. Essa reformulação, aplicada ao campo dos quadrinhos, implica reconhecer as múltiplas dimensões de opressão e resistência que atravessam as narrativas de criadoras trans e travestis.

Palavras Chaves: Protagonismo trans, Resistência cultural, Narrativas de resistência, Diversidade, Interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

COAN, Samanta. O transfeminismo nos quadrinhos autobiográficos: um estudo de caso sobre Sasha, a leoa de juba e Chicatrans. In: **Educação Gráfica**, Brasil, Bauru. V. 22, n. 3, dez. 2018. p. 63-77.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**: Feminism in the Law: Theory, Practice and Criticism, Chicago, 1989, p. 139-167.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima; FERREIRA, Gabriela Alves Costa Fernandes; GONÇALVES, Fernanda Rocha. Internet, quadrinhos e feminismos: uma análise automatizada do Mina de HQ. In: WOLFF, Cristina Scheibe; SCHMITT, Elaine (Orgs.). **A internet como campo de disputas de gênero**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2024. p. 171–186.

IRINEU, Ellie; SMEE, Guilherme; BORGES, Gabriela (Orgs.). **Quadrinhos Queer**. 1ª Edição. Brasil: Skript Editora, 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo: Teoria e Práticas**. 1ª Edição. São Paulo: Metanoia, 2014

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OLIVEIRA, Petra Araújo de. Narrativas trans e travestis nos quadrinhos brasileiros: uma abordagem interseccional. In: **Anais do 7º Colóquio Diálogos Interdisciplinares sobre Gênero, Raça e Sexualidade: Cartografias do desejo**. Maceió: UFAL, 2025, p. 86-104.

PIRES, Maria da Conceição Francisca; CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Não mexe comigo que eu não ando só: una reflexión sobre colectivos e iniciativas de mujeres historietistas en Internet. In: **CuCo, Cuadernos de cómic**, Brasil, n.º 21, dez/2023, pp. 13-33

VERAS, Elias F.; SODÓ, Roberta S. **(In) Desejáveis: LGBTQIA+ e feminismo na imprensa de Alagoas (séc. XX)**. Maceió: Edufal, 2024.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2023. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.